

A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL (1914-1918)

Parte 1 - Origens do Conflito

1) A Unificação da Itália e da Alemanha

1.1. O “Equilíbrio Europeu” arruinado

** Desde o Congresso de Viena (1815), que consolidou os termos da derrota de Napoleão Bonaparte na Europa, foi estabelecido pelas potências vencedoras (Prússia, Áustria, Rússia e Inglaterra) o princípio do Equilíbrio Europeu, através do qual ficariam vedadas revoluções liberais e nacionais que dessem origem a novos Estados na Europa.*

** Mas como sabemos, os princípios do Congresso de Viena começaram a desmoronar já em 1830, com o início da onda de revoluções liberais que assolou a Europa, a começar pela França. Desde então, pequenos Estados haviam logrado em concluir revoluções de cunho liberal (tal como é o caso da Grécia), mas nenhum novo Estado suficientemente forte havia surgido a ponto de abalar as relações internacionais na Europa.*

** Entretanto, no período que vai de 1860 a 1870, surgem finalmente dois novos Estados nacionais com expressão econômica militar e territorial suficiente para desequilibrar o frágil balanço fundado no Congresso de Viena. A Itália e a Alemanha unificadas seriam, assim, o primeiro fator que levaria ao conflito mundial de 1914-1918.*

** O surgimento de dois poderosos países no centro da Europa era uma ameaça em especial para a França. Os franceses até ali haviam convivido com vizinhos continentais muito aquém de seu poder militar e econômico. A Alemanha surgia, então, como um “vizinho incomôdo”, criando uma contante situação de tensão diplomática.*

2) Mudanças na Política Interna Alemã

2.1. Bismarck e o Novo Equilíbrio

** Além de ter sido o grande arquiteto da unificação alemã, o chanceler Otto von Bismarck havia sido também o edificador de um novo equilíbrio europeu. Através de sua genialidade diplomática, Bismarck havia sido capaz de criar a Alemanha e estabelecer um intenso esforço político para promover a aceitação da Alemanha por parte das nações vizinhas.*

** Bismarck desejava com isso evitar que a Alemanha, sendo um “vizinho incômodo”, atraísse a hostilidade dos países no seu entorno, o que poderia ameaçar a integridade do território germânico.*

** Bismarck conseguira manter relações estáveis com todos os países europeus, exceto com a França, tendo em vista os resultados do Tratado de Frankfurt. Bismarck fora capaz de atrair a Rússia para uma aliança juntamente com a Áustria (Liga dos Três Imperadores, ou Dreikaiserbund, em 1881).*

** Desta forma, ao consolidar uma aliança entre Alemanha, Áustria e Rússia, Bismarck foi capaz de criar um poderoso bloco que se estendia da Europa Central até o Extremo Oriente. A França, assim, estava isolada na Europa Ocidental, tornando a situação estratégica da Alemanha extremamente confortável.*

2.2. Guilherme II e a Demissão de Bismarck

** Com a morte de Guilherme I, assumiu o poder como kaiser da Alemanha o jovem Guilherme II (1888). O novo imperador logo entrou em choque com Bismarck, incomodado pela ampla influência de que desfrutava o chanceler na elaboração da política externa da Alemanha. Guilherme II tinha claro interesse de expansão militar pela Europa e pelos domínios coloniais europeus. Bismarck julgava tal disposição como um ato imprudente, tendo preferido desde o início manter o equilíbrio na Europa ao invés de quebrá-lo.*

** Guilherme II estava convicto da necessidade de expansão da Alemanha, enquanto Bismarck tentava impedir que este objetivo se concretizasse. Na medida em que o Imperador mostrava-se irredutível, Bismarck não teve outra opção senão renunciar ao seu cargo. Todo o esforço diplomático feito por Bismarck começava a desmoronar.*

** Assim, com o controle da política externa nas mãos, Guilherme II mostra sua pouca disposição para a diplomacia. Em 1891, não foi capaz de renovar o acordo que formava a Liga dos Três Imperadores, fazendo com que a Rússia se afastasse da Alemanha. Automaticamente, a França, antes isolada na Europa Ocidental, estabelece aliança militar com os russos, cercando a Alemanha pelo leste e pelo oeste (1891-1894). Assim, a situação internacional alemã, que antes era confortável, passa a ser tensa.*

2.3. Corrida Naval

** Com o intuito de tornar-se uma potência naval, Guilherme II dá início a uma corrida naval contra a Inglaterra, tentando construir mais navios de guerra que a sua adversária. Ao mesmo tempo, a Inglaterra, percebendo a ameaça, começa a fortalecer sua Marinha.*

3) Mudanças na Política Interna Austríaca

3.1. Formação da Monarquia Dual (Império Austro-Húngaro)

** Em 1867, após a derrota na Guerra Austro-Prussiana, os húngaros tentam se separar do Império Austríaco e formar um novo país. Para evitar que isso acontecesse, o imperador da Áustria concede autonomia política aos húngaros, formando assim o Império Austro-Húngaro.*

** Isto significava que o Imperador da Áustria continuava sendo governante supremo de todas as etnias no Império, mas os húngaros tinham direito ao seu próprio parlamento. Os assuntos internos ao território húngaro eram em parte resolvidos pelas próprias elites políticas da região.*

** As elites germânicas, que antes dominavam todo o império, ficam ressentidas com a autonomia húngara, visto que agora precisavam partilhar o poder com elas.*

** Para desequilibrar esta balança, a elite germânica na Áustria pretendia incluir um terceiro concorrente no jogo político, com o qual pudesse estabelecer aliança e neutralizar a excessiva autonomia húngara.*

** Com isso, amadurecem os planos de expansão do território do Império Austríaco no sentido de incorporar territórios ao sul (nos Bálcãs), aumentando a proporção de eslavos nas fronteiras do Império. O passo seguinte seria conferir autonomia local aos eslavos, formando então uma monarquia triplíce. Em termos de poder militar e numérico, eslavos e germânicos seriam capazes de calar os húngaros em seus intentos de separação.*

4) Nacionalismo nos Bálcãs

4.1. A “Grande Sérvia”

** Como sabemos, a ideologia nacionalista ganhava espaço na Europa com grande intensidade desde as Revoluções de 1830 e 1848. A chamada “Questão do Oriente” compreendia justamente a eclosão do nacionalismo entre os povos da península balcânica, que buscavam desde meados do século XIX livrar-se da dominação do Império Turco-Otomano e fundar ali Estados independentes.*

** Os sérvios despontavam nos Bálcãs como grandes líderes do nacionalismo entre os povos de etnia e cultura eslava. Seu projeto era o de construir a chamada “Grande Sérvia”, um amplo estado nacional que abrigasse todos os eslavos na península. Os sérvios, assim, pretendiam ser a principal liderança na libertação e na unificação eslava contra a dominação dos turcos otomanos.*

4.2. Cabo-de-guerra entre Áustria-Hungria e Sérvia

** Além dos territórios eslavos inseridos nas fronteiras do Império Otomano, a Sérvia pretendia incorporar também áreas e populações pertencentes às fronteiras multinacionais do Império Austro-Húngaro.*

** Assim, temos claramente um “cabo-de-guerra”, com a Áustria-Hungria por um lado, desejando trazer para si territórios nos Bálcãs (para atender seu plano de “neutralizar” as elites húngaras) e por outro, os sérvios, desejosos de unificar todos os eslavos na região, estivessem eles em território austríaco ou turco. Havia, portanto, um conflito em potencial entre a Sérvia e a Áustria-Hungria, conflito este que iria desembocar na Primeira Guerra Mundial.*

4.3. Russos tiram proveito da discórdia

** Neste contexto, a Rússia, que tentava consolidar sua posição como potência marítima, tentava se aproximar da Sérvia como aliada. Lembremos que os russos haviam tentado controlar os estreitos do Bósforo e do Dardanelos na Guerra da Criméia (1853-1856), tendo sido repelidos pela aliança franco-anglo-piemontesa. Tentaram após uma saída pelo Oceano Pacífico, através de Vladivostok e áreas adjacentes, tendo sofrido severa resistência nipônica na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905). Assim, o projeto da “Grande Sérvia” surgia como mais uma oportunidade para a Rússia tentar controlar as saídas marítimas para águas quentes; sendo os sérvios um povo de etnia eslava, tal como os russos, seriam assim aliados em potencial.*

** Foi por esta razão que a Rússia fomentou a ideologia do pan-eslavismo, ou seja, da união de todos os povos eslavos na Europa, e tornou-se entusiasta do projeto da Grande Sérvia.*

5) Revanchismo Francês

5.1. A humilhação de 1871 ainda estava na memória

** Era notório o sentimento de rivalidade e de humilhação sentido pelos franceses desde sua derrota na Guerra Franco-Prussiana (1871), que deu origem à Alemanha unificada.*

** O Tratado de Frankfurt, ao impor severa dívida de guerra e a perda da Alsácia e da Lorena, territórios ricos em minério e carvão, fez crescer na França a hostilidade contra a Alemanha.*

** Entre os nacionalistas mais radicais, a idéia de revanche era certa e necessária. Pouco a pouco, o cidadão comum francês passou também a entender, em maior ou menor grau, que “a Alemanha precisava de uma lição”.*

5.2. Bismarck tentou amenizar o problema, mas não teve sucesso

** Bismarck, enquanto ainda era chanceler da Alemanha, foi sensível ao problema do revanchismo francês, visto que pretendia eliminar todas as eventuais ameaças à soberania e integridade do território alemão.*

** Tendo como fato consumado a aquisição da Alsácia e da Lorena por parte da Alemanha, Bismarck incentivou a França em seu esforço de colonização do norte da África, esperando com isso que os franceses esquecessem os territórios perdidos na Europa e encontrassem alguma compensação em terras africanas. Apesar deste esforço, Bismarck não foi bem sucedido. Os franceses persistiam em sua intenção de fazer a Alemanha pagar o preço pela humilhação de 1871.*

6) Rivalidades Imperialistas

6.1. “Solução Colonial”

** Desde pelo menos 1870, as principais potências européias, mais o Japão e os Estados Unidos, iniciaram amplo processo de expansão econômico-militar pelo planeta, a fim de conquistar mercados e pontos estratégicos. Neste contexto de Imperialismo, era inevitável que conflitos armados entre as potências surgissem. Desta forma, a expansão imperialista também foi um fator que condicionou o início da Primeira Guerra Mundial.*

6.2. Ferrovia Berlim-Bagdá

** Por volta do início do século XX, havia ainda mais um fator que se somava às disputas na África e no Extremo Oriente. Os alemães guardavam a intenção de construir uma ferrovia que ligasse Berlim até Bagdá (atual Iraque, na ocasião território turco), com interrupção na cidade de Constantinopla (dada a passagem pelo estreito do Bósforo). O interesse alemão de ligar a Europa Central ao Oriente Médio se cruzava com o interesse russo de obter controle sobre os Estreitos. Assim, um importante foco de rivalidade russo-germânica surgia em torno da Ferrovia Berlim-Bagdá.*

7) Sistema de Alianças

** Diante do crescente clima de rivalidade entre as potências, constroem-se alianças entre as nações com o fim de criar uma salvaguarda contra agressões inimigas. Em outras palavras, as potências européias buscaram garantir-se contra invasões de seus adversários recorrendo à construção de alianças de defesa.*

7.1 Tríplice Aliança (1882)

** Em 1882, firmou-se a chamada Tríplice Aliança (Dreibund) que englobava a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália, formando assim um grande bloco de países aliados no centro da Europa. Isto criava uma barreira político-militar que isolava a França na Europa Ocidental. A Tríplice Aliança estabelecia que, caso qualquer um dos países signatários fosse agredido, os demais viriam em seu socorro.*

** Ocorre que a Tríplice Aliança foi, desde sua criação, um pacto enfraquecido. Havia problemas políticos e históricos que contrapunham a Áustria-Hungria à Itália. Lembremos que a Áustria havia sido o “Policial da Europa” em meados do século XIX, e com isso, fora o principal inimigo do processo de unificação liberal da Itália. As elites italianas rejeitavam em larga medida a Tríplice Aliança, que implicava a associação com uma potência historicamente inimiga. Além disso, os territórios da Ístria, do Trentino e da Dalmácia, sob controle da Áustria, tinham população italiana, e não haviam sido incorporados às fronteiras da Itália unificada.*

** A Itália aceita a aliança então com reservas, esperando o momento oportuno para deixá-la, se fosse o caso. A antiga rivalidade com a Áustria e o interesse por territórios sob controle desta última eram razões suficientes para que os italianos “virassem a casaca” no momento oportuno.*

7.2. Tríplice Entente (1907)

** Como resposta à formação de uma forte aliança militar no centro da Europa, França, Rússia e Inglaterra se unem no esforço de auto-proteção contra uma eventual agressão por parte das potências da Tríplice Aliança.*